


Entrevista com a escritora Marie-Léontine Tsibinda: a escrita
como um ato de libertação e de denúncia /

*Entretien avec l'écrivain Marie-Léontine Tsibinda : l'écriture
comme acte de libération et de dénonciation*


*Emily Thais Barbosa Neves**

UFCG, Campina Grande, Paraíba, Brasil. Especialista. Linguagem e Ensino.

 <https://orcid.org/0000-0002-5620-6863>

*Josilene Pinheiro-Mariz**

Doutora (2008) em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado pela Universidade Paris 8 - Vincennes-Saint Denis (2013). Professora Associada na Unidade Acadêmica de Letras, da Universidade Federal de Campina Grande, no nível: Graduação em Letras- Língua Portuguesa e Língua Francesa, Mestrado e Doutorado.

 <https://orcid.org/0000-0003-4879-579X>

Recebido: 06 out. 2021. **Aprovado:** 07 nov. 2021.

Como citar esta entrevista:

BARBOSA NEVES, Emily Thais. PINHEIRO-MARIZ, Josilene. Entrevista com a escritora Marie-Léontine Tsibinda: a escrita como um ato de libertação e de denúncia. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 4, p. 256-264, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8415440>

Marie-Léontine Tsibinda tem um lugar de destaque no universo das Letras congoleesas, sendo considerada a primeira escritora-poetisa do Congo-Brazzaville. Pioneira na poética congoleesa, em 1981, ela foi a primeira mulher a receber o Prêmio Nacional de Poesia e o Prêmio

*

 emilythaisok@hotmail.com

*

 jsmariz22@hotmail.com

Unesco-Aschberg pela novela *Les pagnes mouillés*, em 1996, além desses, a dramaturga, recentemente teve a sua produção reconhecida com o prêmio literário Charden Farell (2020), por sua Antologia poética *La tourterelle chante à l'aube*.

Marie-Léontine Tsiminda possui diversos textos literários escritos, sendo distribuídos em cinco livros de poemas (*Poèmes de la terre* (1980); *Mayombé* (1980); *Une Lèvre naissant d'une autre* (1984); *Demain, un autre jour* (1987); *L'Oiseau sans arme*, (1999); uma antologia, *Moi, Congo ou les rêveurs de la souveraineté* (2000), um romance (*Lady Boomerang*, 2017), um conto (*Javali de Tsirhi*, 2017) e duas peças de teatro (*Un coeur assoiffé* (2017) e *La Porcelaine de Chine* (2013).

Esta última obra, nos chama a atenção por ser contemporânea e por vermos na referida peça uma ferramenta que pode favorecer diálogos aos aspectos históricos e culturais no contexto brasileiro.

Em vista disso, a peça *La Porcelaine de Chine*, foi publicada em 2013 pela *Éditions Interligne* e é composta por 15 cenas, em um único ato, distribuídas em 121 páginas. Desenvolve-se o drama com três personagens lutando contra os horrores da guerra em um país africano, mas oportuniza a consciência do continente a partir de uma guerra civil ocorrida em Brazzaville-Congo, que durou de junho de 1997 até dezembro de 1999.

Entrevista realizada em 15 de agosto de 2021

1) Inicialmente, gostaríamos de lhe perguntar como surgiu a literatura na sua vida e como iniciou a sua paixão pela escrita? Em segundo lugar, gostaríamos de saber porque escolheu o francês como língua de escrita?

A minha paixão pela literatura é uma ligação incomum porque nada me predispôs a tornar-me poeta. Na casa do meu pai, não tínhamos uma biblioteca. A tradição da leitura não existia. O único livro que tínhamos permanentemente era a Bíblia do meu pai. Um fato interessante é que foi escrito em Kikongo, uma das muitas línguas do Congo Brazzaville, o meu país de nascimento, no Congo Kinshasa, Angola. Mas a minha língua materna é o Lumbu. E assim eu diria que foi a poesia que me escolheu: tinha estado à espreita em mim desde o nascimento e tinha acordado no momento certo, à medida que os dias passavam.

Até hoje, ela nunca me deixa. É simplesmente um dom divino que cresceu e evoluiu com o tempo.

A poesia sempre me ordena a cantar, admirar os homens, as mulheres, o sol, as flores das árvores, o mundo, a natureza resplandecente que nos transporta. O colégio, a universidade, até mesmo o primário, me moldaram graças aos discursos poéticos dos meus professores, às descobertas dos poetas da França, - porque a educação é feita em francês até hoje - antes de conhecer realmente a poesia de África, do Congo e do resto do mundo.

Jean de Lafontaine, Lamartine, Ronsard, Verlaine, Baudelaire e muitos outros preencheram o meu currículo escolar. Mas também tive o prazer de ler Léopold Sédar Senghor, do Senegal, Bilombo-Samba, Dominique Ngoie Ngalla, Tchicaya U Tam'si, Jean Baptiste Tati Loutard, do Congo-Brazzaville, Langston Hugues, Walt Whitman, dos EUA e Guy Jean, Serge Cham, do Canadá... E há outros.

A minha poesia "viu a luz do dia" graças ao apoio do meu professor Eugène Ngoma, poeta de profissão, cujo título bem conhecido é *Primitivos*. Tomou a iniciativa de publicar os meus textos na revista universitária "*La Saison des Pluies*". O Professor Eugène Ngoma ensinava então literatura e civilização americana na Universidade de Brazzaville. E a partir desse momento, a minha poesia explodiu como uma uva ao sol, e os seus fragmentos brilham até aos dias de hoje. Recebi alguns prêmios para a minha carreira literária, porque para além da poesia, aprendi a escrever romances, histórias, peças de teatro e contos.

O francês, é uma língua colonial, que nunca escolhi, continua a ser a língua oficial de comunicação dos escritores no meu país, mesmo que exista poesia ou escrita em línguas nacionais, mas de uma forma muito tímida, o francês nos é imposto pelo sistema colonial. Apesar disso, permite que a nossa literatura seja partilhada no país e em todo o mundo.

2) A sua produção literária é admirada por muitos escritores, que a veem como uma figura feminina forte e independente. Como você percebe a sua importância para outras pessoas, sejam eles autores ou apenas leitores?

Para dizer a verdade, estou surpreendida com o entusiasmo da minha criação entre os leitores no Congo e em outros lugares. Três grandes surpresas, diria mesmo quatro, deslumbraram o meu céu apesar da pandemia: o Ensemble Zellig de França interpretou os meus

poemas em 2019, a Cidade de Gatineau e a organização Vision Centre-Ville colocaram um dos meus poemas na 103 Laurier Street, em Gatineau, em 30 de junho de 2021, a Professora Josilene Pinheiro-Mariz traduziu *La porcelaine de Chine* para português e gostaria de colocá-la no palco!

Esta mesma peça foi objeto de leituras públicas em Otava e Toronto em 2015.

Hoje, as mulheres congoleesas tomam emprestado o jardim literário com ousadia e inteligência. Eles assumem a responsabilidade e confiam em sua palavra. Eles denunciam as armadilhas da sociedade sem misericórdia e lutam por retidão e justiça, compaixão e paz, em primeiro lugar em seu país, mas também justiça e paz no mundo. Que não desistam especialmente das armas. A luta pelo bem não deve ser interrompida. Deixem as mulheres do mundo fazer o mesmo. A semente da paz, justiça e amor deve germinar sempre dentro de nós para criar o belo e duradouro.

3) Em relação às memórias, o brasileiro Márcio Seligmann-Silva (2003), afirma que é necessário “lembrar de esquecer e não esquecer de lembrar”, ou seja, sinaliza um movimento de forças contraditórias, uma vez que há um esforço de tornar o evento traumático amplamente conhecido e outro de limitá-lo à memória individual. A partir disso, gostaríamos de saber como você lida com as suas memórias e se, alguma vez, elas já se tornaram um peso para a sua atividade de escritora.

Aqui está uma *memória/esquecimento* que carrega grande poder! *O olho estava na sepultura a olhar para Caim*, em *Consciência*, o belo texto de Victor Hugo. O olho que recorda a Caim por ter morto o seu próprio irmão. Nunca esquecemos os períodos das nossas vidas: escuro ou brilhante. Eles permanecem dentro de nós, formatados como se estivessem num disco rígido, o disco da consciência. Não devemos deixar que as más recordações arruinem as nossas vidas. Se vivemos no passado, não medimos a luz do presente nem a esperança do amanhã. Das nossas memórias, é bom construir pontes de paz e perdão. Difícil, sim, mas não impossível, especialmente quando nos humilhamos perante Deus para pedir a sua ajuda, a sua força.

A guerra reinstalou-me no Canadá, que se tornou minha terra de esperança, depois de ter vivido no Níger e no Benin.

No Canadá, aprendi a entender melhor o amor de Deus pela humanidade.

Da guerra que eu tirei *La Porcelaine de Chine*, a peça me levou até a Josilene, você e o Brasil, não é maravilhoso?

4) Outra questão que hoje é bastante discutida no Brasil e em outros lugares diz respeito às vozes africanas tardiamente valorizadas pelas sociedades de todo o mundo. Então, como você vê a produção literária dita “francófona” e, de forma especial, aquela produzida por mulheres africanas? Existe alguma diferença entre a literatura feminina dos países africanos de língua francesa e a do inglês, português, espanhol ou outras línguas?

Acredito profundamente que as mulheres sempre estiveram presentes na escrita criativa tal como é escrita em *A Rain of Words*, uma antologia de poesia de mulheres africanas francófonas, pela Professora Irène Assiba d'Almeida e em *Women in French Studies*, uma edição especial de 2020, uma pesquisa sobre a escrita criativa de mulheres africanas francófonas. Elas são inteligentes e dotadas. Mas as tradições e os tabus asfixiaram tudo para fazer as pessoas acreditarem que as mulheres não são capazes de nada. Há invenções de mulheres, mas foram roubadas por homens. E isto não é apenas em África.

Dizer que a entrada da mulher africana na literatura só foi eficaz no século XX pode ser um erro grave. Mas como a oralidade foi automaticamente atribuída à África, quem pode negar este ponto de vista com certeza?

Toda a civilização foi falada pela primeira vez antes de ser escrita, esculpida ou pintada, na minha opinião.

Com algumas exceções, penso que os temas são os mesmos: a escravatura, o peso da colonização, a pós-colonização, a ditadura, a sede de liberdade, a "independência" dependente dos colonos, e os temas da época, como a luta das mulheres, e a imigração satânica que continua a desestabilizar o mundo. Caso contrário, os valores familiares que impõem respeito, amor, solidariedade, integridade e honestidade estão no cerne desta mesma criação.

Os nossos anciãos falavam de negritude com Léopold Sédar Senghor e tigritude com Wole Soyinka, no século XXI, hoje, a negritude e a tigritude cedem lugar a outras lutas: luta contra as desigualdades salariais e sociais, o verdadeiro lugar das mulheres no mundo político, racismo,

guerra, dominação, violência, exílio, genocídio, co-casamento, viuvez, alcoolismo, gravidez precoce, feminismo, para citar apenas alguns.

5) A peça *La Porcelaine de Chine* (2002) apresenta a guerra entre nações e conflitos armados em sociedades contemporâneas, expondo a ascensão inflexível das mulheres ao palco de luta. Para você, como nossa sociedade atual enxerga a mulher nessa busca por um lugar na literatura e como esse cenário pode ser alterado? É possível mudar esta realidade ?

As guerras de hoje são simplesmente uma expressão da fraqueza dos homens que pensam que para serem fortes precisam de armas. A verdadeira força é um espírito superior capaz de travar guerras, conflitos e construir a paz. Os homens fortes são aqueles que sabem controlar a sua raiva, o seu ódio, a sua violência, a sua linguagem. O homem que afirma ser forte e usa armas é um homem que se envergonha dos seus fracassos e da sua vulnerabilidade. E descobre que tem medo e se torna mau! Sim, o medo vive nele. No entanto, ainda temos de vender as armas, não é verdade?

A mudança já é real, presente, irreversível. As mulheres já não estão à espera de permissão para escrever, viver, cantar e dançar. Escrevem e denunciam os males da colonização, os males das guerras, casamentos forçados, poligamia, excisão, exílio, imigração fatídica, mães jovens, gravidezes precoces, globalização, genocídio, violação, os ladrões e violadores do seu futuro.

Acredito firmemente que as mulheres têm de superar toda a oposição ao desenvolvimento da sua vida espiritual, intelectual, social, cultural e política...

6) Na peça *Porcelana da China*, as milícias utilizam a violência sexual contra as mulheres como arma de guerra. Como compreende este subproduto inevitável da guerra, que passou a ser visto como uma estratégia militar determinada?

La Porcelaine de Chine é a minha primeira peça publicada, mas não é a primeira da minha criação literária. Destaca os males da guerra e, como em todas as guerras vermelhas sujas, as mulheres e crianças são as primeiras vítimas a sofrer os efeitos perversos desta calamidade. Na minha opinião, a violação de mulheres é um crime contra a humanidade. Não tenho outras palavras para

descrever este ato de violência. Como podemos compreender que o homem, que se diz ser inteligente, organiza calmamente as guerras, prepara-as em pormenor e depois realiza o ato sem preocupações, sem medo de Deus? A mulher torna-se um corpo saqueado, indefeso, sem futuro. Pessoalmente, não compreendo a sua lógica. Mas a mulher é osso e carne, e apesar dos abusos que sofreu, ela mantém-se de pé e segue em frente. O estupro profana-a e marca-a para sempre. A violência sexual, em tempos de paz como em tempos de guerra, continuará sempre a ser uma abominação. Realizada com fins políticos em muitos casos, a violação sexual é também violação de consciência. Na peça, Bazey é violado porque o general está finalmente a obter a sua vingança, porque em tempos normais, Bazey nunca teria olhado para ele, apesar da sua patente. Guerras vêm e vão, mas a mulher continua mais forte do que nunca.

8) Você acredita que há uma responsabilidade, um peso maior, quando se discute sobre violência, sobre dor? Como foi o seu processo de criação literária ao escrever sobre a guerra em *La Porcelaine de Chine*?

A vida é assim; ela carrega violência e dor. Alegria e esperança também. Falar sobre isso é iniciar o processo de auto-entrega de modo a ganhar a força que o pode levar a libertar o outro da sua dor e violência física ou espiritual. A violência não constrói nada. A dor destrói toda a força, mas é preciso revoltar-se contra este colete-de-forças a todo o custo para enfrentar os muitos desafios da vida e emergir mais do que vitorioso. E isto é possível.

Escrever *La Porcelaine de Chine* foi uma libertação. Uma forte pressão para tirar a guerra da minha mente e para apagar para sempre as memórias dolorosas que estavam embutidas no meu coração. No meio do rugido das armas, na casa onde nos tínhamos refugiado, na casa do tio Chris e da minha cunhada Mama Lega, (numa casa concebida para o pai, a mãe e quatro filhos, éramos quase uma centena de pessoas) as mulheres estavam a cuidar das suas respectivas famílias. Eles cantavam para se darem coragem, contavam histórias para rir. Apoiaram-se uns aos outros. Tudo começou quando observei estas mulheres da villa em Tchioudi, o bairro onde éramos refugiadas. E eu senti-me desafiada por tanta coragem, apesar do terror sob o qual estávamos. Porque as conchas podiam cair sobre nós a qualquer momento e destruir a casa e os seus habitantes. A peça é uma homenagem e um hino às mulheres, mães de coragem em todos os momentos. É um

tributo às mulheres de todo o mundo que passam por momentos de extremo sofrimento sem desistir.

9) **Você teria algum conselho para as mulheres que queiram escrever? O que diria a estas mulheres do Brasil e do mundo?**

Lembro-me dos conselhos de um grande escritor do Congo-Brazzaville, o meu país de nascimento, Sylvain Bemba, que me disse: “Escreve o teu romance no tempo presente, com frases simples: assunto, verbo, complemento!” Eu tentei, mas Sylvain Bemba nunca leu o manuscrito, que perdeu muitas páginas e passou por todas as guerras no país. Hoje, sou preguiçosa para digitar o manuscrito porque, nessa altura, não tínhamos computador. Estou simplesmente a dizer-te, Mulher, do Brasil e do mundo, que deves dar o mergulho, atreve-te a dançar na crista das palavras para te ofereceres a mais bela viagem. A escrita é, antes de mais nada, uma viagem pessoal e interior. Escrever é viajar na mente de alguém, sem barreiras alfandegárias, sem vistos, sem polícia aérea. Grátis! A escrita é a busca do elusivo no vento da solidão, na arte de tecer a paciência.

Atreve-te a afundar nas águas tumultuosas da escrita, águas de beleza, porque escrever é também partilhar a beleza da palavra, a beleza do canto, a beleza das metáforas, a beleza das letras bonitas.

Sabe que tudo o que experimentamos está descrito na Bíblia: quer pensar no amor, leia o Cântico dos Cânticos. Ódio, amor, infidelidade, incesto, honra, o Rei David e a sua família contar-vos-ão histórias terríveis. Vingança, adversidade e tragédia Israel e a sua família podem dizer-lhe. Ciúme, inveja, ganância, maldade, Jezebel é o exemplo perfeito. A sublime amizade é expressa por Davi, o pastor, e Jonathan, o filho do rei...está tudo na Bíblia e na vida à nossa volta. Agita os seus personagens em conflitos insuportáveis e intermináveis, separa-os, reconcilia-os e está no meio de uma loucura criativa e romântica. Evite o plágio porque é uma sombra sobre o seu nome como escritor, e sobre a sua consciência também. Seja você mesmo, tropece, caia, mas levante-se e siga em frente.

O nosso DNA criativo permanecerá sempre diferente e fabuloso, uma diversidade embriagada de liberdade, mesmo que digamos as mesmas coisas: vida, amor, esperança, ódio... Foi Charles Baudelaire quem disse "Embebeda-te, com poesia ou vinho, mas embebeda-te". É

evidente que me inclino para a poesia e ainda mais para o Espírito Santo para a intoxicação total. Sim, Mulheres do Mundo, embebedemo-nos com o belo espírito criativo das belas letras.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: ...
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: ...
Contribuições dos autores: Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: NEVES, Emily Thaís Barbosa. Conceitualização, Investigaçã, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - revisão e edição: PINHEIRI-MARIZ, Josilene.

Referências

TSIBINDA, Marie-Léontine. *Le blog*. Disponível em < <https://mltsibinda.com/> > Acesso em: 10 de mar de 2021.

TSIBINDA, Marie-Léontine. *La porcelaine de Chine*. Théâtre, éditions L'Interligne au Canada. 2013.